

EDITORIAU MAIS PUTA QUE PARIU



Este fanzine nunca teve um editorial. Talvez devido ao fato de eu sempre achar que o zine nunca precisou de um editorial. Afinal de contas, porra, por que é que o Bat Macumba iria precisar de uma merda de editorial?

Allás eu sou, a princípio e por princípios e também até agora, radicalmente contra editoriais.

Acho editoriais uma títica.

Editoriais nunca tem nada a dizer.

Mais do que isso, eu nunca tive nada a dizer em um editorial.

Agora eu tenho.

ANO I
Um fanzine maldito: Fabiano Moreira

BAT MACUMBA
número 8 dezembro de 1996

Participam deste número:

Alex Martoni
Alessandro Corrêa
Boa Pergunta
Carlos Solano (Peru)
Cléo (pseudônimo novo da Mônica)
Guiga
Knorr
Leonardo Ribeiro
Luciano Arrthum (BH)
Mônica Ribeiro
Rosaivo Lopes
Roosevelt Nina

Força na editoração e computador
emprestado:
Gilberto Hingel Neto.

Distribuição nas escolas para criancinhas
Inocentes:
Mrs. Morande.

Cartas, demos, zines e colaborações para:
Fanzine Bat Macumba
A/C Fabiano Moreira
Rua Tietê, 230 - São Mateus
36025 - 320 Juiz de Fora - MG

E estrelando:
Rejane Moura, como a garota da capa.
Marcela e Beth, em "As Garotas".



MOSTRA A RUXONGUETA PRO NEW PIGS

MOSTRA A RUXONGUETA PRO NEW PIGS

Tudo começou com uma necessidade e um instinto básicos de vocalização comuns a Rodrigo, Daniel, Rafa, Bastos e Emílio. Enquanto na TV os neomenudos New Kids on the Block arrancavam os gritos mais finos das meirinhas, eles eram o New Pigs: porcos barulhentos e gozadores. Estamos falando do início da década de 90, quando um bando de garotos que não sabiam porra nenhuma de música se juntaram para formar uma das bandas que virou um das maiores promessas do rock no Rio de Janeiro.

Nesses três tempos, o repertório era composto basicamente por versões do he-porrado de música intrínseca como Atirei o pau no gato (O Pali do Gato) e Do Ré Vi-Fá (O Tombo), e o único cover era o tema do bochechudo Kiss, do enlatado Chaves, o que já dá uma ideia da quantidade de besteira vestida pela moçada. Lembra de uma apresentação histórica no bar do Hovenag, numa daquelas festas das bruxas que por lá ocorriam. A produção esquecia-se do cachê mas exigia que as bandas se apresentassem de preto. Os caras subiram no palco decentemente trajados de radinhas, sendo que o Rodrigo ainda emergava numa singela bailarina. É delírio da multidão.

Eles fizeram nome e fê-cube no falecido Akauá, na época abarçador de várias tendências e tribas. De lá pra cá muita coisa mudou no repertório, cérebros e formação, até desembocar na última demo do grupo, Ruxongueta, que revela um New Pigs amadurecido e pronto para ganhar o mundo com Dani nas baquetas, Rodrigo nos microfones, Ernani no baixo, Bolinha na percussão e o novo guitarrista Jefferson,

que veio socorrer a galera e substituir o Jãozin.

Muito antes dos Raimundos fatuarem feio com seu rock cabra macho ou os insuportáveis e mortos Mamonas repartirem o filão besteira, os New Pigs já faziam tudo isso, com muito mais criatividade e gênio. Entretanto, sempre tiveram que suar a camisa para conseguirem fazer seus shows. "Nós produzimos muito mais shows do que fomos convidados pra tocar" - é o que canta o baixista Ernani, falando sobre a dificuldade em se fazer rock aqui na Terra do Pão de Queijo.

Mas foi graças a esses perrengues que o New Pigs, aliado ao extinto Brother Rapp e ao Deep Noise (que virou Stoned nesses tempos chapados), empreendeu a Festa do Tavares, no Espaço Mascarenhas (quando ainda se permitia roqueiros e outros bichos por lá). Durante um bom tempo, o Tavares foi a maior instituição do cenário indie daqui e point da malucada trazendo bandas de outras cidades, como o próprio Planet Hemp (antes da fama). Do It Yourself é fichinha perto da garra desta moçada que tem quatro boas demos já gravadas, numa cidade onde as bandas não tem este velho e sadio costume.

Agora eles estão em nova fase. Com a demo gravada este ano em 24 canais no estúdio Caraiá, finalmente o New Pigs conseguiu o seu melhor registro, já com a participação do lendário Bolinha na percussão. O ex-leader band do Brother Rapp entrou para o grupo este ano, apesar de sempre ter participado de alguma forma - ele co-produziu uma demo (Noise mesmo) e já inspirou algumas músicas, como

Ruxongueta ("que era um sambapadrão meu") e Marcas na Carcela.

Virou moda colocar percussão em som pesado hoje no Brasil, mas na New Pigs este elemento não é gratuito. Eu tento tocar como se eu e o Dani fôssemos uma pessoa só," - analisa o novo integrante, que acredita que trouxe mesmo como maior contribuição um melhor equilíbrio de palco. "É verdade, Agora fica um gordo de cada lado", ironiza o baixista Ernani. O público pôde comprovar este maior dinamismo e agitação no último show da banda por aqui, por coincidência e com muito orgulho no último lançamento (Mary Jane) deste Bat Macumba que vos fala.

Além da diferença no palco (Seu bem acelerado), Bolinha traz na bagagem informações sonoras bem diferentes do estilo da banda, como o mangue beat modernizante do Chico Science e trape, Minister e That can dance, com um admirador que é de ritmos étnicos. O outro novo integrante, Jefferson, foi encontrado em São Paulo para substituir a guitarra de Jãozin. Quando nós resolvemos banhar em São Paulo o Jãozin acabou não aguentando o tranco, pois está sendo super cansativo ensaiar e correr atrás por lá", revela Ernani, que achou a pegada do novo guitarrista bem parecida com a do ex-New Pigs.

É sobre esta nova fase que falei há pouco: o lado moleque foi se perdendo para dar lugar a uma banda madura que sabe o que quer. E o que quer o New Pigs? "Nós agora entramos naquela fase do vai ou racha" - sintetiza o baixista. Com a mudança de dois integrantes para São Paulo, a cidade foi escolhida como alvo das investidas profissionais da moçada. O Dani

está trabalhando como barman, com sua parabólica fixada na pista do Black Jack. E já deu resultados: a banda lotou um sábado de outubro no Aeroanta, uma casa babada pra raio.

Mas Juiz de Fora não fica pra trás nessa. Entretanto, os convites para shows aqui são raríssimos, talvez pela própria falta de lugares adequados, como acredita o Bolinha: "Acabou sobrando

só o Paschoal aqui, que é um lugar caro para produções do nosso estilo. Além do mais, a cena da cidade está meio derrubada." Não dá pra discordar. E quem está mandando bem na opinião deles? "Boa Pergunta é legal para animar a festa, a menina do Funny Feeling tem o melhor vocal da cidade, o Adriano 66 mantém o movimento e ainda vive de música e o Eminência tem um show excelente

e cênico, mas não se trata de música alternativa, que é o que nos interessa, não?", resume o também jornalista (piratão) Bolinha. Com influências que vão do A ao Z do pop, rock e podrêras, tais como Chico Science, Pato Fu, Primus, Rage against the machine e Arnaldo Antunes, o New Pigs classifica sua salada sônica como MPB. Música Porrada e Barulhenta. Ouça bem alto.

DEMOGRAFIA • DEMOGRAFIA • DEMOGRAFIA • DEMOGRAFIA

DEMO E QUEREMO DE VOLTA

Esta demo tem quatro músicas gravadas em 93 no Rio, num estúdio tão bom que neguinho nem lembra mais o nome. Aliás, até a capa já se perdeu. Tem uma ótima versão para Mamones, mais pesadona, além de Nasceul, Capitão e The Flash. Ainda traz os registros (ao vivo) de Uberabinha, Rap e Sala 5. A guitarra ainda era empunhada pelo Bastos. É item de colecionadores e amantes de boa porrada.

NOISEMERO

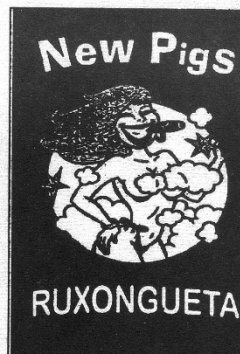
Esta demo foi gravada em casa com uma mesa Ciclotron de 6 canais, como avisa o encarte: "Fita demo caseira. Noisemero que fez". O Jãozin já tinha assumido a guitarra, em 94. Esta demo já começa a revelar o talento do New Pigs nas faixas Uberabinha, Sambódromo, Tupi, Furunco, Gillete, Mao-Tsé-Tung e Scânia. A capa traz o ilustre traço do Léo (já conheceu a revista Criptóris?).

A REVOLTA DAS PIRANHAS VOADORAS VINGATIVAS E MAGOADAS

Gravada e produzida em 95 pelo Fernando Gaio, traz recreações e novos arranjos para Mamones, Tupi-Mundo Novo e Uberabinha, além da inédita faixa-título. O desenho da capa foi feito pelo guitarrista Jãozin, e foi duramente criticada pela Rock Brigade que, pelo visto, não saca porra nenhuma de avacalhação e New Pigs.

RUXONGUETA

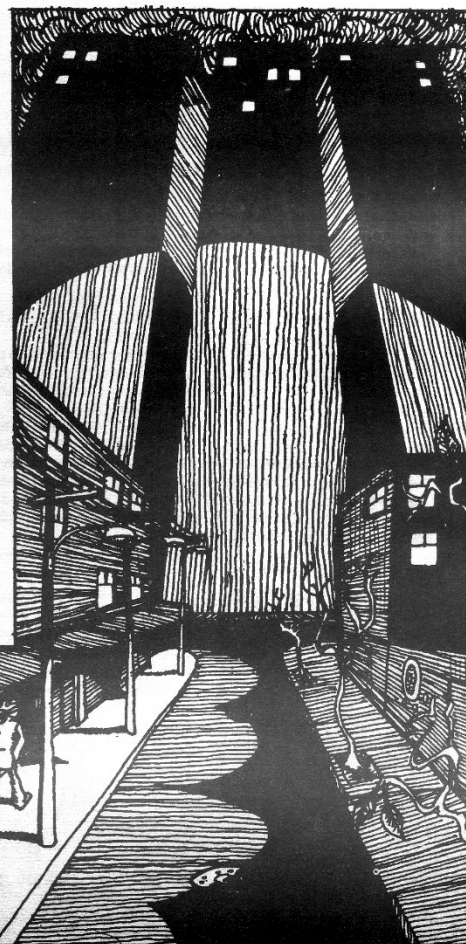
Esse é, sem sombra de dúvida, o melhor registro da banda (em qualidade de gravação). Já traz o Bolinha embalando a percussão e também tocando bateria na bem bolada versão para a incansável Mamones (e o que vem depois, e o que vem depois?). A capinha colorida ainda recheia duas outras músicas: a regravação da Revolta muito louca das piranhas etcétera e a inédita Ruxongueta, que é a melhor faixa da fita.

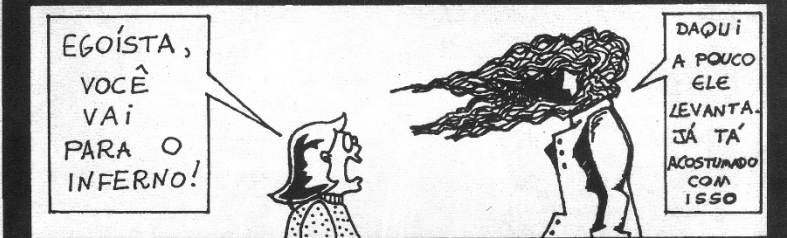
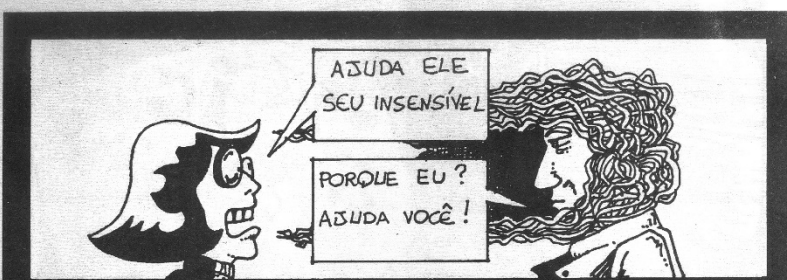
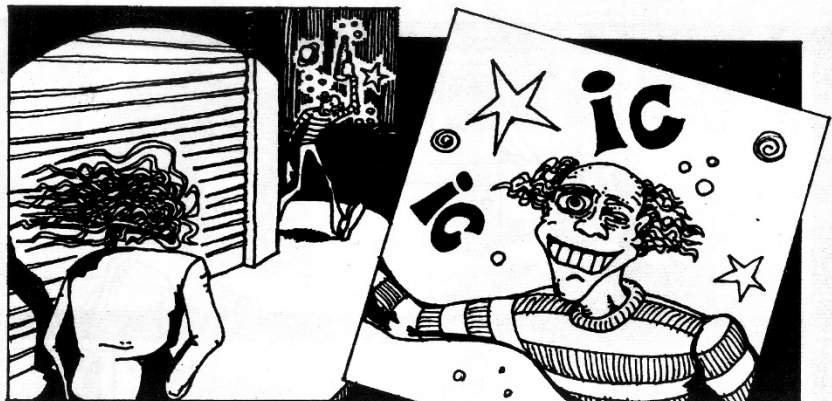


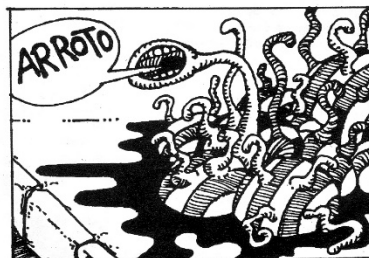
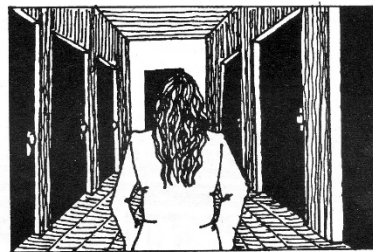
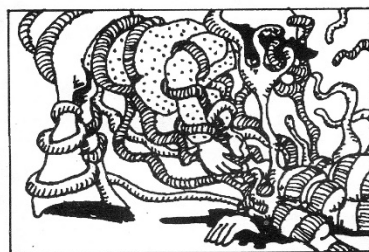
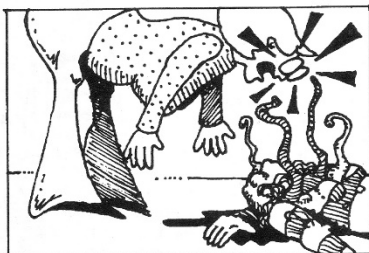
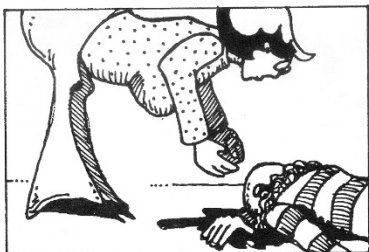
Em Juiz de Fora você pode comprar a demo Ruxongueta na Equinox, em Sampa no Black Jack e, no resto do mundo, tem que escrever pro Ernani mandando 4 contos para: Rua Doutor Laureano, 85, Alto dos Passos. CEP: 36026 - 400. Juiz de Fora-MG. Bobéia não.
por Fabiano Moreira

HISTÓRIAS DOS INFINITOS MUNDOS 8

A VOLTA DA MELHOR URBAN







ELAS BEBEM CADA DIA... ZINE DE FORA

LEIA FANZINES. PRESTIGIE A MÍDIA XEROX

CABRUNÇO ZINE WAZGGA BLAZKA

nº 7 (Jul/Ago/Set) Aracaju - 36 páginas meio-ofício, custa 1 real. Vitória - 28 páginas meio-ofício, mande um selo de 2º porte

Está excelente esta última edição do brother zine Cabrunco, editado pelos estudantes de jornalismo Adolfo Sá e Rafael Jr., com colaboradores de 10 estados brasileiros. A capa traz o lendário José Mojica Marins e o título "Yes, nós temos trash movies" puxando para o ótimo artigo de Petter Baierstorf sobre o cinema trash marginal brasileiro: Ivan Cardoso, César Souza, Zé do Caixão, Afonso Brazza, Toninho do Diabo e o seu trabalho na produtora independente em Palmitos (SC). As HQs são fantásticas: Luiz Fernando, Luciano Irrthum (grande

talento de BH que participa deste Bat Macumba e que, no Cabrunco, mandou bem adaptando Kafka em "Os Lamentos") e Alessandro Monteiro. Nas seções de zines (Los Otros) e demos (Demonstrarre), Adolfo e Rafael (respectivamente) demonstram que estão cada vez mais por dentro da cena indie nacional, e por isso mesmo estão mandando ver há um ano neste bom zine. Escreva pra eles: CABRUNCO ZINE A/C Adolfo Sá. Av. Nova Saneamento. Cond. Jardim das Palmeiras. BL. E, Apto 03. B. São Domingos Sávio. CEP 49047 - 000. Aracaju - SE

PAPAKAPIKA nº 3 - Curitiba - 32 páginas meio-ofício, custa um real. QUASE COMIX nº 2 - Curitiba - 8 páginas (1/4 de ofício), por um selo.



Estes dois zines são produções da editora Pé-de-chinelo editadas por Marcel Pauluk, sendo que o primeiro em parceria com Rodrigo Duarte. O último número do Papakapika já começa mandando bem na capa, impressa artesanalmente pelo processo de olixgravura. Traz boas HQs de Luciano Irrthum, Lauro, Márcio Jr. e Xandão, uma ótima entrevista com José Mojica Marins, comentários sobre zilhões de zines e bandas (os caras estão super por dentro) e uma sacanagem com a poesia concreta ("Ler Haroldo de Campos ouvindo Arnaldo Antunes faz mal à saúde"), entre outras coisas bacanas à pampa como R. Crumb e cinema pornô. Marcel também edita o pequeno zine de ilustrações e quadrinhos Quase Comix, que tem colaborações de peso: Lupin, Sylvio Ayala (da Rádio Ipanema de Porto Alegre, tem um programa sobre zines - Arte Final - onde o Bat Macumba já marcou presença), Sineval Santos e Lauro. A Pé-de-chinelo ainda vende exemplares das edições 1 e 2 do Papakapika, também por um real. Demorô quem não escreveu. EDITORA PÉ-DE-CHINELO A/C Marcel Pauluk. Rua Lamenha Lins, 530/71A. CEP 80250 - 020. Curitiba - PR. Para os eletrônicos, duas e-mails: mar31ppk@cce.ufpr.br ou digaoppk@cce.ufpr.br

PSYCHO ARGHHH

nº 3 Jardinópolis - zine de bolso de 16 páginas, mande um selo de 1º porte



O Sineval Santos participa do Quase Comix e edita outro zine "pequeno", o simpático e bem elaborado Psycho. Em suas páginas desfilam mulheres esguias e instigantes e outros malucos personagens em ilustrações fantásticas (o cara manda bem mesmo). A estética é excelente e os tipos femininos, oníricos, frios e tesudos. Há apologias às bandas Sonic Youth e Lisa Cane (esta, de Ribeirão Preto). Escreva: **PSYCHO A/C** Sineval Santos, Rua Mário Fregoneli, 136, CEP 14 680-000, Jardinópolis - SP.

GRAPETE
nº 2 (MORTE ÀS VACAS LOUCAS) e nº 4 (DE CARNE E DE NYLON) Fortaleza - 16 e 12 páginas meio-ofício, sem preço na capa



Tai um zine superbacana, que já começa a chamar a atenção pelo bem bolado flyer (vide redução). Quem edita é a Thais Aragão, o nº 4 em parceria com Teresa Guimarães, ambas estudantes de jornalismo. As capas são bem legais e já dão o toque de que Grapete é um zine feminino, mas sem frescuras. Os quadrinhos trazem temáticas diferentes das mais comuns nos outros zines. Tem também ficção, elucubrações, X-files, o cinema de Griffith, gravadoras independentes, Pulp, Dead Poets, Henry Miller, The Doors e muitas outras coisas bacanas. Grapete é o tipo de zine que pensa. Só piri

na parte em que as meninas fizeram um top hit dos "gatos", incluindo uma "Parada Local". Ainda bem que, ao lado, tem a cobertura do Acendedor de Lampiões, um festival que rolou em Macaé com as bandas bambas da região e Concreteness (de Sampa, acaba de lançar o primeiro cd, Numberum), senão eu já ia achar que tinha trocado um zine por uma dessas revistas Querida-capricho-carícia (credal) Escreva e não vá se arrepender: **GRAPETE ZINE A/C** Thais Aragão, Caixa postal 2694, CEP 60135-000, Fortaleza - CE. Para os eletrônicos: e-mail: grapete@iserv.com.br

nº 16 (Agosto)

Palmitos - 20 páginas meio-ofício, mande um selo de 2º porte

Você nunca ouviu falar de Peter Baiestorf? Ele edita o zine Arghhh, especializado em horror e sanguinolência e que já está na 16ª edição, coisa rara para a fanzineagem brasileira. Além disso, ele é o cineasta trash da Canibal Produções e 3 b's Entertainment. Criaturas Hediondas, Açougueiros, O Monstro Legume do Espaço (em parceria com o veterano César Souza) e Blerghhh (este em processo de finalização) são alguns de seus filmes escatológicos, tão fofos e pestilentos como o zine Arghhh. Está muito boa esta 16ª edição, com destaque para as HQs "Ailoviú" (de Maria Jaepelt, mostra uma trepada toda peidada e vomitada) e "Gay Line", de Enrique Torreiro, a entrevista verbo solto com Ivan Cardoso e a seção "Os psicopatas que nós amamos", onde Baiestorf passeia com delícia por aquela história dos irmãos necrófilos de Friburgo, a quem ele dedicou seu longa Eles comem sua carne. Arghhh é uma dessas publicações que parecem pingar sangue. Mas daqueles bons de servir. **ARGHH A/C** Peter Baiestorf, Cx. postal 67, CEP 89887-000, Palmitos - SC.

ELECTRACULTA

Rio - 6 páginas ofício, mande um selo de 1 porte.

Este é um excelente zine, um trabalho experimental de Alberto Monteiro, que conheci nas páginas do Cabrunco, de Aracaju. Electraculta não tem pretensões a "revista indie" como a maioria dos zines. No caminho contrário, procura lidar com a estética-xerox, criando "personagens de papel e toner" e um mundo com "densidade, claro-escuro ruidoso", nas aspas do próprio Alberto. Pela própria consciência desta estética-técnica-linguagem, Alberto construiu um zine ímpar, que usa e abusa das possibilidades do papel xerox, uma coisa que o Bat Macumba também vem perseguindo nos últimos números. Traz ainda uma tira do incansável e atuante Lauro, de Volta Redonda, apologia ao Sonic Youth, HQs de Alberto e reflexões sobre a fotocópia. **ELECTRACULTA A/C ALBERTO MONTEIRO**, Cx Postal 95042, CEP 25241-970, Duque de Caxias - RJ.

ZLOTY ZINAÇÕES ARTÍSTICAS

OS PÉS DA MUSA

Alagoínhas/Porto Alegre - 14 páginas meio-ofício

CANDY'N SKY

Alagoínhas - 4 páginas meio-ofício

DÚBIO ZINE

Alagoínhas - 4 páginas meio-ofício

Se é por falar em experimentalismo não posso deixar de recomendar a Zloty Zinações Artísticas, uma verdadeira piração bolada pelo honorável Daniel Barbosa em Alagoínhas, na Bahia ("o cu do mundo", nas aspas do próprio): é uma fábrica de zines curtos, inteligentes, inventivos e cheios de (...) literatura, garatujas, pincéis, canetas e penas velhas, tintas pra tintura de cabelo, revistas de novidade (que já chegam ultrapassadas), tesoura, selos, cola, papel reciclado (salve as baleias) e muito pensamento solto, brumoso, chapado, louco, escorrendo por entre os neurônios e caindo em folhas xerocadas(...) - como define o editorial de Nouvelle Cuzine. Este é o melhor de todos, feito em parceria com o onipresente Lupin, de Fortaleza, e explora como ninguém a tal estética-xerox de que falamos há pouco. Os pés da Musa foi feito em parceria com Márcio Bueno (da Pobreza Mental Produções, de Porto

NOUVELLE CUIZINE -

TECNOLOGIA DE VANGUARDA A SERVIÇO DA BELEZA

Alagoínhas/Fortaleza - 8 páginas meio-ofício

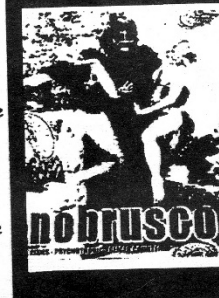
Alegre) e traz quadrinhos bandidos. Já o Dúbio Zine conta com a parceria de Dayse Batista (do Agulha Zine) numa única noite de sexta-feira, e traz quadrinhos canelhas mal traçadas. O último deles, Candy'n Sky, é um zine de poemas do próprio Daniel: como todo zine do estilo, traz poesias boas, médias e fracas. Uma curiosidade é que o fanzineiro de Alagoínhas elaborou os 30 poemas em uma única tarde, o que define o trabalho do baiano: rápido, consistente e "não-certinho", como ele faz questão de ressaltar. Enquanto os fanzineiros estão querendo numerar páginas, criar colunas, organizar índices e consolidar seções, nada melhor do que um pouco de avacalhado (no melhor sentido da palavra) pra lembrar do verdadeiro espírito da fanzineagem, no velho estilo do it yourself. **ZLOTY ZINAÇÕES ARTÍSTICAS A/C** Daniel Barbosa, Rua Brasilino Viegas, 113, CEP 48100-000, Alagoínhas - BA.

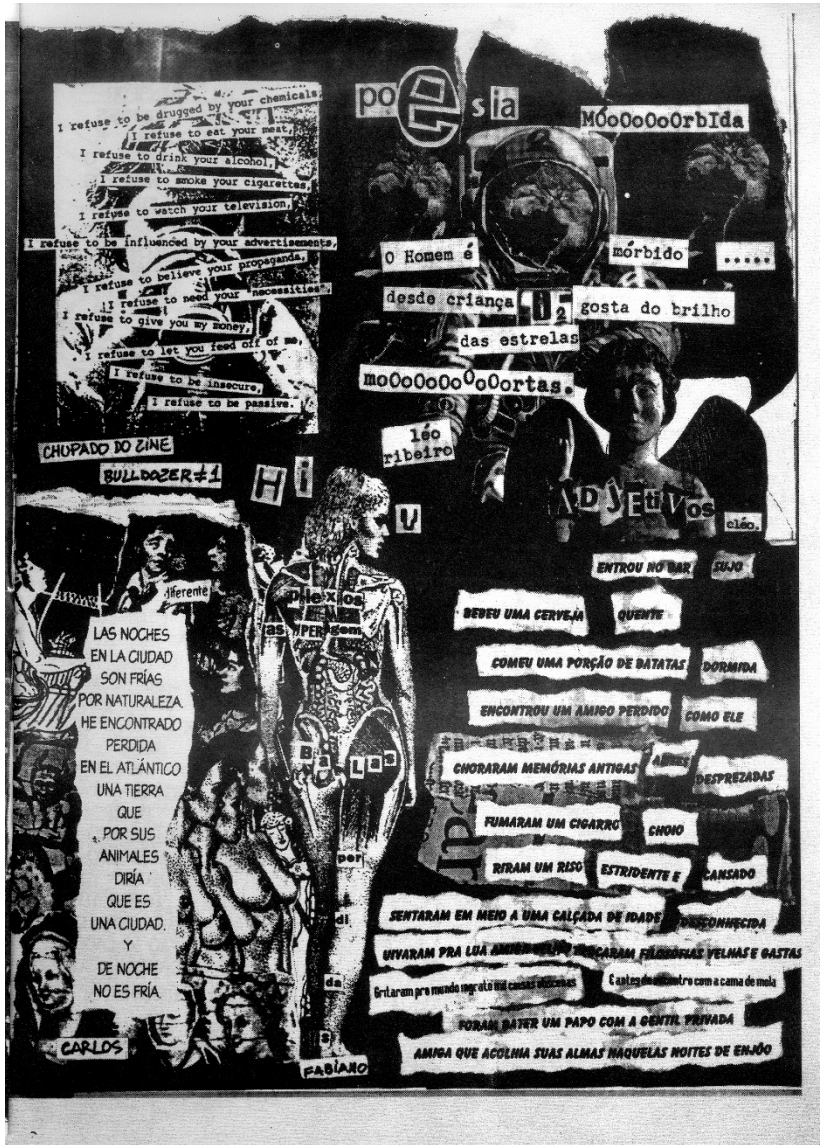
nobrusco

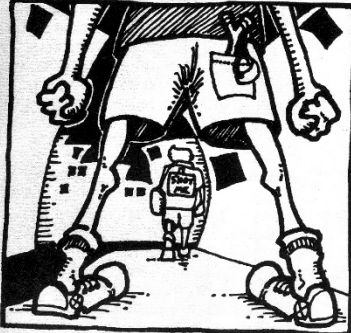
Sampa - 20 páginas, mande 2 selos de 1º porte

Já falei (e muito bem) do Nobrusco nesta seção, comentando sua segunda edição. Este zine - que é um dos melhores do udigrudi - volta com a mesma qualidade e cuidado gráfico em seu terceiro número, com quadrinhos do lendário Adão Iturrugarai. Quadrinhos, cena indie, Psychotronic, os 10 piores filmes, Pixies, estética noise na música de

então e Robert Crumb são alguns dos assuntos tratados por Alexandre Marsiglia, Giancarlo Lorenci (editores) e seus colaboradores em páginas que, visualmente, falam por si mesmas (a programação visual é o forte deles). Sou fã. **NOBRUSCO A/C** Alexandre Marsiglia, Rua Eugênio de Medeiros, 419, CEP 05425-001, São Paulo - SP.







ARGUMENTO
FABIANO
MOREIRA

SHOT ME

E
UMA HQ
LÉO RIBEIRO
LÉO

QUALQUER VIAGEM

Velhinhas Perversas Provam que Peixe Morre pela Boca

Sempre que falamos em velhinhas, logo, somos remetidos imediatamente à imagem daquela figura angelical, de fala suave, cabelos brancos, óculos de grau e que adora nos dar conselhos, tal qual Dona Benta - aquela do Sítio do Picapau Amarelo. No entanto, quando observamos uma

fiácida protuberância erguer nosso umbigo - vulgo barriga - recordações nos vêm, daquilo tudo que comemos e, evidentemente, nos damos conta de que o maior talento destas senhoras está em transformar nossa vida numa estadia permanente dentro de uma confeitaria, onde doces, broas, chocolates, tortas, sopas, mingaus elevam nosso colesterol a níveis alarmantes.

Com o perfil acima traçado, torna-se difícil imaginar que nessa mesma mente onde os sonhos são embalados por sugestões do menu do dia seguinte, haja espaço para entretecer um destino para um cadáver. Essas mãos que picam toucinho para feijoada, também o fazem com a carne humana.

É dessa forma que Frank Capra e Alan Madden imaginam essas senhoras.

Em 1944, o italiano, radicado americano, concebeu "Arsenic and Old Lace" (Esse Mundo é um Hospício), no qual Cary Grant se enlouquecia com as travessuras de suas tias. E

que travessuras! As traquinas encontraram na mistura: arsênio + vinho, a fórmula perfeita para enviar senhores solitários para um mundo melhor. Atraídos por um anúncio de aluguel de um quarto, os senhores solitários se apresentavam às velhinhas e

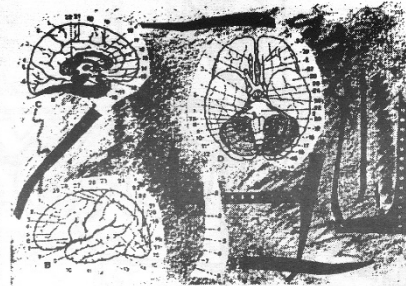
As doces velhinhas de Capra, que dedicam a vida a fazer caridades e quitutes, matam por compaixão, no desejo de aliviar os pobres senhores de suas dores. Já as viúvas de Madden são mais sacanas (sinal dos tempos?). Roubam, pensam naquilo - e porque não? - mas, no fundo também têm um bom coração e agem com uma certa ingenuidade. Da mesma forma com que um netinho busca proteção

debaixo da saia da vó, as velhinhas, quando amedrontadas com o incidente, buscaram proteção no seu próprio reino, a cozinha, e encontraram lá uma solução para o problema. Uma picadinha aqui, um picadinho ali e.....

foi-se um ladrão. Por motivos óbvios, o filme de Capra é superior, não necessariamente pela história, e sim pela direção. Enquanto o italiano é perfeito, Madden começa bem, mas se perde num final mal resolvido.

"Cogumelos..." já pode ser encontrado na sua locadora mais próxima, enquanto "Este Mundo..." só em alguma madrugada distante, na programação da Globo. Ambos são perfeitos para se ver numa tarde de sábado, comendo todos aqueles quitutes que a vó preparou para o fim-de-semana. Mas não se esqueça..... peixe, morre pela boca.

Alci Martoni



logo recebiam a dose letal para, em seguida, serem enterrados no porão da mesma casa.

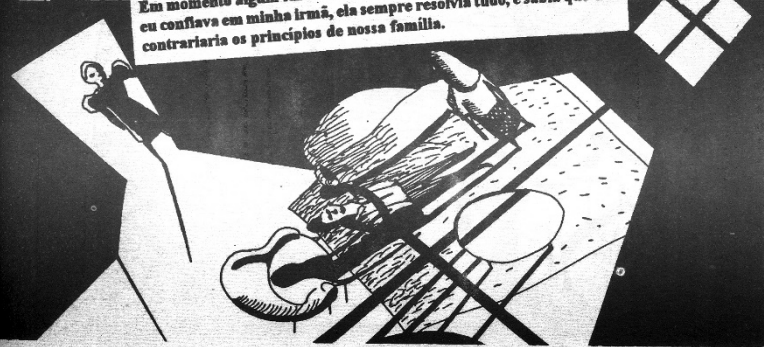
Cinco décadas depois, claramente influenciado por Capra, o australiano Alan Madden escreveu e dirigiu "Mushrooms" (Cogumelos Gostosos de Morrer), onde um detetive se hospeda na casa de duas viúvas e, aos poucos e sem saber, vai comendo o criminoso que procura - morto na mesma casa em um acidente doméstico e servido das mais diversas formas.

Em ambos os filmes, temperados com humor negro, os atos perversos das anciãs são oriundos do excesso de pureza e inocência de suas intenções.

Nessa noite meus pais foram ao culto de quarta, como de costume. Quando eu estava no quarto já de roupas de dormir, Lena chegou com o namorado. Ela veio ao quarto me dizendo que ele havia bebido demais e estava irritado. Pedi para que o mandasse embora, em vão, ela tentaria acalmá-lo, desaprovei mas fui dormir.



Em momento algum fui até a sala, Lena me pediu para que não fosse, eu confiava em minha irmã, ela sempre resolvia tudo, e sabia que não contrariaria os princípios de nossa família.



PALAVRA DE ESPELHO REFLEXO



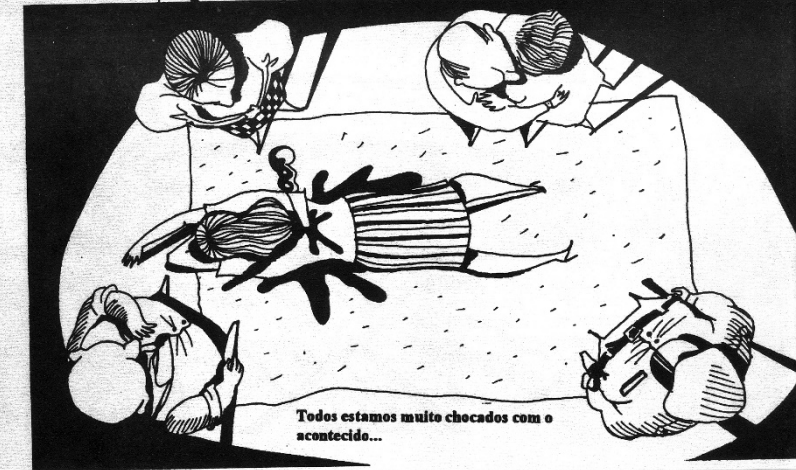
ALESSANDRO CORRÊA



Fui intransigente por dormir sem vê-la de novo. Quando ela saiu do quarto nada mais conversamos.



Não sei a que horas ele saiu, só acordei com os gritos de minha mãe. Se eu tivesse obedecido às ordens de meus pais... se eu tivesse de vigia na sala... talvez ela ainda estaria viva.



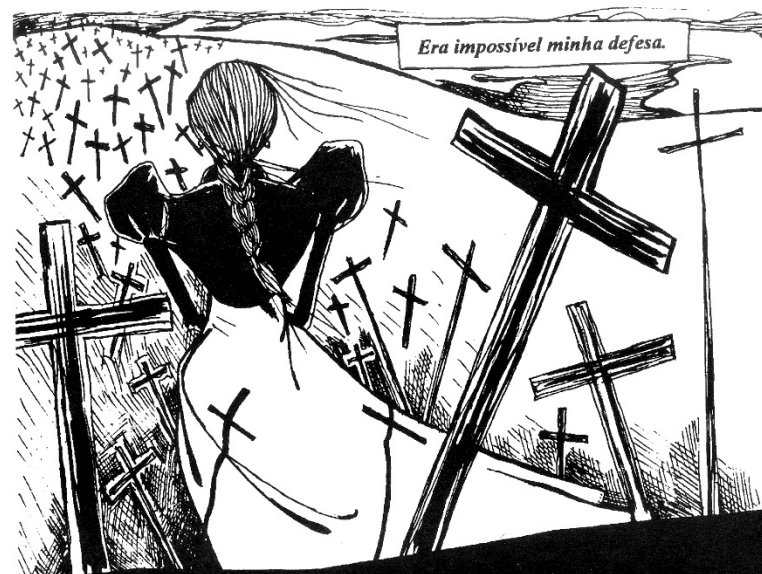
Todos estamos muito chocados com o acontecido...



Nada pude fazer quanto ao acontecido, pouco me lembrava das coisas daquela noite. Na casa Lena me embriagou de carinho e pinga, acabei desmaiado no sofá. Acordei tempo depois, cheio de vergonha. Não vi ninguém, sai cambaleando pela rua e muitos vizinhos testemunharam sobre o fato.

-Foi horrível, ao entrarmos na sala lá estava minha filha... caída, brutalmente assassinada... nenhuma criatura de Deus poderia ter feito tal barbaridade... só um filho de Satã.

-Acalme-se meu pai, vamos confiar na justiça dos homens.



Hoje, depois de tanto tempo, me permito lembrar de coisas que perderam a importância, como os olhos de Leda que brilhavam feito os de Lena naquela manhã...

...maravilhosa era Lena, mesmo arrumada, nunca conseguia evitar que o vento soprasse alguns fios de seu cabelo.



©
F.M.

